

FERREIRA ITAJUBÁ

TERRA NATAL

Poema

Digitado por Mayara Costa Pinheiro (UFRN)

Fonte:

ITAJUBÁ, Ferreira. *Poesias completas*. 2. ed. Natal. Fundação José Augusto, 1965.

TERRA NATAL

Poema

Este livro originou-se de uma lenda que me referiram, quando menino, ao ruído de uns coqueiros da ribamar.

De volta, mais tarde, às margens verde-negras do rio amigo, a saudade das choupanas que então me hospedaram, despertou-me a recordação das alegrias e desgostos de BRANCA, a pobre filha da terra onde nasci e em cujo sofrimento o meu coração viu um símbolo da dor de nossa pátria comum, tão maltratada pela natureza inconstante.

Ah! quantas tristezas se alvoroçam no coração do peregrino inflamado no amor do solo natal e da família, na lembrança nostálgica das areias que o mar sacode no regaço dos cômodos enxutos, dos morros que se desfiguram na rampa das águas salsas, agitadas, quase sempre, pelo sul tempestuoso, na eterna tortura desta parte abrasadora do trópico.

Quem já navegou no canal do cabo de São Roque, à transparência fosfórica de um céu de janeiro, sem que, pelo menos, não ficasse taciturno, ao contemplar de longe a cambraia das dunas, onde os pescadores, à frialdade do velário estrelado, narram as lendas remotas do oceano e lembram visões que, constantemente, apavoram aqueles retiros?

Lendas cuja idade ninguém sabe dizer, tradições que passam de descendência a descendência, quantas e quantas vezes repetidas nas festas populares e nos serões que se fazem sob o teto dos casebres humildes e à claridade nostálgica dos plenilúnios!

Visões que revivem a lembrança magoada dos que para sempre adormecem na terra fria, dúbias miragens da imaginação quando o fulgor esmaecido da lua escorrega na folhagem trêmula das árvores, umedecendo o tapete embranquecido dos areais que as refregas alisam.

Eu amo extraordinariamente a solidão tristíssima dos lençóis que foram as espumas salgadas. E porque não hei de amar o isolamento das planícies arenosas se nelas passei os dias alegres da meninice, brincando nas dunas prateadas que se desenrolam de Paraíba até á costa luminosa “onde” a jandaia canta na fronde da carnaúba”?

Como é doce viver nesses lugares desertos, arredados do bulício quotidiano das ruas! Como são belas as praias, abrigadas ao toldo dos coqueiros, enfeitadas de algas e sargaços, arejadas do vento salino!

Muito me orgulho de ter encarnado nas ribas seculares onde se estende o rio em cujo leito sáfaro o Jundiaí deságua pela quadra invernososa; onde as virações patricias acalentam os marujos, embalando os navios e as jangadas¹ sob crepúsculos de violetas e rosas.

Minha mãe soltou o primeiro lamento às brisas saudáveis de Morrinhos, neste Estado; meu pai que também era rio-grandense do norte vivia da indústria da pesca.

Nascido nas ribanceiras que os mangues emolduraram e as aves aquáticas rastejam, obrigado, portanto, a viver entre os homens rudes que lançam os tresmalhos e tripulam as embarcações, habituei-me a ouvir as queixas do vento irritado, as canções repassadas de dor dos barqueiros, os gemidos das águas lamentosas.

Lembro-me ainda que foi no pontal de Aguamaré onde me falaram, pela primeira vez, de sereia de cabelos loiros, que extasia os navegantes com a melodia dos seus cantares; da mãe d'água que arrebatava as crianças nos banhos marinhos, na plaga oriental; e da uma barca perdida, cujos marinheiros, de semblantes tostados, contavam, enxugando a lágrima tépida da nostalgia, debaixo das latadas de pesca e dos ranchos cobertos de hera, os episódios curiosos dos amores que trouxeram das velhas terras lusitanas.

Não conheço nada mais pitoresco do que uma praia nortista banhada ao clarão da lua cheia, principalmente nos meses da colheita do milho e do fruto do cajueiro.

Formosas são, por exemplo, Maracajú, Petitinga, Rio das Garças, Santo Alberto e, sobretudo, Três Irmãos, onde frondejam os coqueiros misteriosos, plantados por frei João do Amor divino, segundo corre no litoral!

E nem todas elas são estéreis quanto à produção de certas flores e frutos, embora sujeitas à maresia, que prejudica os vegetais, como o mormaço devastador que, na zona sertaneja, desnuda as juremas e desfaz o panasco.

¹ ... embalando os navios, as jangadas. [todas as notas são transcritas da edição de 1965, e trazem como referência a 1ª edição, de 1914]

Aquelas, porém, que a natureza fertilizou, como a vila de Touros ou Bom Jesus dos Navegantes, não deixam de ter fartas searas de laranjas doces e rosas balsâmicas, mormente quando as bâtegas da inverneira amolecem na terra.

Então, nesse tempo, as praias, cantam mais satisfeitas, ao trinado das violas dolentes, encordoadas para os louvores sacros e para aí toadas primitivas da aldeia, onde os plenilúnios transparentes do norte umedecem a retina dos velhos viúvos e dos moços apaixonados.

A Vila a que me refiro é muito aprazível e fértil, quer as chuvas renovem as folhas que o estio levou, quer o estio desbote as folhas que as chuvas reverdecem.

Aí, nessa nesga ensombrada do meu berço natal, mais do que em qualquer parte, palpitam os arroyos, estremecem os ninhos e sussurram as auras nos ramos túmidos da vegetação, espalhando sobre as dunas alvacentas o perfume das flores agrestes.

Aí, os viandantes encontram hospitalidade franca; o sono é mais demorado e tranquilo no alpendre da casa; o sonho mais prazenteiro na rede de algodão e a sinfonia matutina do passaredo acompanha a saronidade angélica da cantiga das virgens agradecendo a Deus a esmola da vida, aos primeiros raios do sol.

Aí, BRANCA nasceu ao langor suavíssimo de um domingo de maio.

Aí passou os dias esplêndidos da infância, borboleteando às sombras dos cajueiros da várzea, respirando o sopro dos ventos marítimos, banhando-se na água salgada, ao clarão da lua, nas noites mornas de janeiro.

Ai frondesceram o roseiral e o laranjal sob cujos ramos ela assistiu ao naufrágio das esperanças que lhe floriram o começo da juventude; aí a sepultura lhe foi dada, como afirmam os pescadores, que, cheios de compaixão, narram o sofrimento dessa violeta que a espuma do mar banhou nos dias felizes.

O estrangeiro que pisa aquela vila, berço evocativo de tantas lendas, não pode suster, pelo menos, um suspiro compadecido², ao saber a história comovente dessa saudade que morreu de desgosto, nascida nas doces paragens que me escutaram os primeiros vagidos.

BRANCA morreu de saudade. Tendo apenas dezesseis anos quando o noivo partiu para o exílio, nunca mais o seu sorriso alentou outro sorriso; e, quando não pôde mais resistir, adormeceu para a morte no mesmo canto em que, á luz de outras eras, lhe desabotoaram os lírios da paixão que se transformou em martírio.

² ... um suspiro queixoso.

Contam que, quase sempre, fazia promessas pelo regresso do noivo, ajoelhada aos pés de Nossa Senhora da Bonança; iluminado-lhe o altar reclinava a fronte desencarnada no seio da madrinha afogando em soluços; quando não cismava ao rumor das laranjeiras procurando na argila, que o pranto umedeceu na noite da partida, o rasto da ventura desfeita.

Hoje nada mais resta dessa criança conduzida prematuramente ao fundo isolamento do cemitério.

O tempo demoliu há muito a cruz poeirenta com que a piedade cristã lhe assinalou a cova rasa,³ que o laranjal ensombrou até cair a derradeira folha e o roseiral perfumou até secar o derradeiro espinho.

E, sobre essa mesma argila que recolheu os ramos secos e as flores murchas, um homem construiu um abrigo para agasalhar a prole feliz, rodeado de quixabeiras, de vinagreiras frutíferas,⁴ ao hálito desse vento choroso que sibila nas palmas⁵ do coqueiral e, à noite, apaga as lamparinas das povoações amigas...

MANOEL VIRGILIO FERREIRA ITAJUBÁ

³ ... a cova rasa que o laranjal ensombrou.

⁴ ... de vinagreiras frutíferas ao hálito desse vento.

⁵ ... que sibila nas plumas do coqueiral.

À MEMÓRIA DE MEUS PAIS

JOAQUIM JOSÉ FERREIRA E MARIA FERREIRA

Roxa saudade viúva, alma desta alma amiga,
Estende as tuas mãos e no teu colo abriga
O livro que te oferto, o poema da tristura:
Escuta-o com desvelo e beija-o com ternura,
Como o padre ao missal.

Muito por mim fizeste
Na terra, mãe querida. – O meu corpo envolveste
Em faixas de alvo linho, e salmos suavizantes
Cantaste ao descambar das noites fulgurantes
Da minha meninice.

Ah! Como inda me lembro
De um beijo que me deste ao palor de dezembro,
E, ao cingir tua carne, eu te disse baixinho:
“Como é brando o teu beijo e suave o teu carinho”.

Foi um tempo feliz, quando vivi brincando,
Ora o fruto colhendo, ora a flor desfolhando.
Voltava a primavera, a estação que consola,
Loira como Jesus, doce como uma esmola.
Então, quando da balsa os canários alados
Cantam sobre os beirais, e os pombos nos eirados
Esperam pelo sol que ensanguenta as roseiras,
Alveja os bogaris e engrinalda as limeiras;
Quando o dia desperta, e nos campos cheirosos
Gorgeiam de alegria os bem-te-vis plumosos,
E as morenas, descendo ao rio cristalino,
Conduzem no vestido o orvalho matutino;
Quantas vezes, depois da prece da alvorada,

Que contigo aprendi, na guarida alpendrada,
Que o tempo envelheceu, na cajazeira bela
Que havia no quintal, eu armava a esparrela!

Quando a tarde silente ilumina os outeiros
E do mato ensombrado os sanhaços ligeiros
Asilo vão buscar na penugem dos ninhos,
Antes que o zimbro orvalhe a areia dos caminhos;
Quando o sino arrebanha os crentes à oração,
– Solene hora de paz no casebre aldeão –
E à sombra da ingazeira existem calefrios,
Porque o vento da tarde é cheio de arrepios,
Contra a tua vontade eu subia os barrancos,
Os coqueiros do sítio, os altos morros brancos,
Para ver da natura a angústia comovente,
O naufrágio da luz nas bandas do oriente!

Quando a noite magoada o calor arrefece
Num desmaio que empana a estrela que aparece,
Debaixo do telheiro, aromado à baunilha,
Repetias comigo as rezas da cartilha...
E dizias sorrindo : “É a hora do descanso;
“A carne vai dormir; o arroio é ledó e manso...
“Por que choras, meu filho? Acaso sentes frio?
“Calou-se o remador; já não murmura o rio;
“Teu pai quando era vivo aqui, neste degredo,
“– Deus o tenha sem nós – deitava-se assim cedo.
“Este vento faz mal; sinto tantas fadigas.
“Eu te acalentarei a solfejar cantigas”.
Como foi prazenteira essa quadra de enganos,
Que o destino levou ao turbilhão dos anos!
Nunca me esquecerei desses dias formosos
Da alvorada de cravo e poentes sanguinosos.

Mãe, tu que sempre foste o meu sonho dileto,
O meu ditoso enlevo, o meu sagrado afeto,
Não penses que há prazer no meu livro dorido.
Em cada verso dele ouvirás um gemido,

Triste como a canção do pássaro agoureiro,
Ou como o funeral do vento no salgueiro,
Depois que a noite cai.

Saudade lacrimosa

De coração bondoso e de alma religiosa,
Na paz da tua alcova humilde quando o leres,
Sob o gelo invernal do pranto que verteres,
Abençoa a mulher que me inspirou na vida,
A rosa que hoje tem por fronde a cruz erguida;
Suplica a Deus por ela, a flor mirrada, quando
Sobre as folhas do livro estiveres chorando.

* * *

Numa nesga da Pátria onde, em noites de lua,
Parece um lampadário a natureza nua,
E quando abril verdeja, embalsamando os prados,
Chilra a andorinha errante em cima dos telhados;
Numa plaga onde o mar sobre as areias rola
E o pobre camponês tange as cordas da viola
Esperando contente as chuvas abençoadas,
Que levantam da argila as searas alouradas;
Numa zona, onde ao sol inclemente e incendiário
Azula o Cabugi, colosso extraordinário,
E sobre um leito em flor, rodeado de palmares,
Dorme Extremoz, lembrando as lendas potiguaras,
Nasci; nela ensaiei os meus primeiros trenos,
Junto ao rio onde, à brisa, os remeiros morenos
Cantam, de inverno a estio, e o mangal sussurrante
Assemelha estendido um cordão verdejante.

A ti, ó terra minha, esmaltada de rosas,
E primeira entre as mais, de dunas majestosas,
O idílio que compus entre os meus, no remanso
Da vivenda materna, em horas de descanso
Ou de meditação.

Inda se mais pudesse

Fazer por ti, faria; inda se mais me desse
O céu, tudo era teu; entanto, se não pude

Erigir-te um padrão fulgente em verso rude,
Como foi meu desejo, um consolo me resta,
– Berço de Auta de Sousa e de Nísia Floresta,
De ti muitos varões ilustres que nasceram,
E hoje não vivem mais, teu nome engrandeceram
– Formosa Jericó da Natureza agreste,
Costa dos morros nus, lisos do vento leste,
Tu que alento me dás, porque de ti recebo
O fertil pão que como, a água pura que bebo;
Tu que me agasalhaste em rede alva e macia,
Quando senti na frente a luz que te alumia;
Quando outrora brinquei na várzea deliciosa
Por manhãs de estiada e tardes cor de rosa,
Quando, ao voltar de longe, há dez anos passados,
Banhei-me no cristal dos rios transbordados;
Quando, ao grato rumor das mangueiras crescidas,
O sono conciliei das horas mal dormidas,
– Eis o que prometi... Desta alma satisfeita
Guarda no teu regaço os frutos da colheita
Que fiz, já no florir dos sonhos derradeiros
Da alma, terra do sal, ornada de cajueiros.

Trinta e quatro anos tenho, entre escolhos vivido,
Sofrendo angústias crueis. Ah! que tempo perdido.
Fui muito néscio em crer nos pregões da ventura,
Nunca um astro fulgiu na imensa noite escura
Que a areia me invernou da estrada dolorida.
Que resta hoje a teu filho? – a sombra espavorida
Do cipreste esgalhado, onde o mocho agourento
Pousa de ramo em ramo, ao cair do relento,
Enchendo a solidão de gemidos e ais,
Co'a saudade sem fim dos que não voltam mais.

Natal, quando eu morrer, apaga-me da lembrança,
Mas guarda-me na cova onde meu pai descança,
E nem quero um letreiro à compaixão futura,
Um sinal, uma cruz, no pó da sepultura;
Pois ao triste que morre, ao corpo que apodrece,
Que vale uma inscrição, um símbolo, uma prece?

Mãos que beijei ansioso, alvas mãos delicadas,
Não roubeis a fragrância às malvas adoradas.
Lábios cujo perfume é suave e imaculado,
Não murmureis por mim no ladrilho sagrado.
Olhos santos que amei, olhos castos, piedosos,
Não molheis nesse dia os lenços perfumosos.
Calai a vossa dor, aves do solitário
Bosque, auras do mar, sinos do campanário!

I

Minha mãe! minha mãe! o momento esperado
Da partida chegou! Que golpe amargurado!

Que o teu olhar me dê, talvez, a derradeira
Bênção de luz, aqui, na guarida hospedeira.

Tu que enxugas debalde o pranto que desliza,
Gelado como o suor do doente que agoniza.

Adeus! Tu que por mim muitas noites velaste
E sorrindo e cantando o meu leito embalaste,
Tu que foste o prazer da minha meninice
Muito antes que alvejasse a neve da velhice
E o lindo roseiral em flores rebentasse,
Antes que o laranjal de frutos carregasse,
Eu soubesse colher as uvas da videira
Que, de velha, morreu junto da cajazeira
Que o tempo derrubou, mãe desvelada espanta
A mágoa que tortura o coração de Branca...
Tu que bálsamo tens, meu desolado lírio,
Para cada aflição, para cada martírio.

Não desampares nunca essa pureza linda!
BRANCA é órfã de pai, ela é tão moça ainda!

Pois bem, tu que na vida os meus passos guardavas,
Lança à tua afilhada a bênção que me davas,
E pra ela reserva, imagem da piedade,
Do teu leito macio a branca suavidade,
Do teu sorriso quero as lânguidas ternuras,
Do teu sítio aromal as laranjas maduras,
Do teu canteiro ameno as flores odorantes,
Do teu vestido roxo as dobras ondulantes;
Não te esqueças jamais de amparar o magoado
Coração que inda está sem nódoa de pecado.

Sei que BRANCA tem mãe e uma das mais bondosas
Que tenho visto, mas, tuas mãos caridosas
Não deixem de afagar agora as mãos franzinas
Dessa flor que nasceu na terra das salinas!
Seja o cuidado teu, durante a minha ausência,
Essa rosa gentil de candura e inocência,
E se a pobre refletir nas ilusões mirradas,
Faze-lhe as narrações das lendas engraçadas
Que ela gosta de ouvir quando, depois da ceia,
Repete-as no terreiro à luz da lua cheia.

BRANCA é meu ramo verde. E tú, a quem BRANCA adora,
Ela que a fronte inclina, ó mãe! quando alguém chora,
Se nunca a desprezaste, hoje a não mais desprezes,
Quando orares por mim, por ela sempre rezes,
A fim de que Jesus na dor nos favoreça,
Proteja o filho teu, dela se compadeça,
Recordando que és mãe, que eu sou filho extremo
E ela fica a chorar por seu futuro esposo.

Recommenda-me ao céu, que a lua vem banhando,
Que no exílio me dê noites de sono brando,
Manhãs cheias de luz, tardes de brisa mansa
Como a que beija o mar, em horas de bonança;
Eu voltarei um dia aos morros alterosos
Para gosar de BRANCA os beijos harmoniosos,

E o goivo que em teu peito amigo está nascendo
Mudar-se-á em roseira, ou milho florescendo,
Como no mez de Outubro, ao sol que resplandece
Na abóbada azulada, o pau d'arco floresce.

II

Adeus meu roseiral, velho amigo ditoso,
Tu que ficas aqui, refochado e cheiroso,
Ungido dos clarões da lua prazenteira,
Desta nesga gentil da terra brasileira!
Parece que dos teus nunca um ramo pendera,
Verde estás no verão, verde na primavera,
Como um barco da cor das águas agitadas,
Lendário roseiral das flores encarnadas!
Rosas! como eu vos amo! eu que estou descontente;
Que de vós me separo e choro amargamente,
Deixando a terra amada, as virgens amorosas,
Minha mãe, minha noiva e as irmãs extremosas,
Olhos turvos sondando as vagas espumantes,
Vendo ao longe fugir as montanhas gigantes,
Dores tendo no peito e tristuras na frente,
Quando o lenho partir em busca do horizonte
Que noites passarei contemplando as estrelas,
O mar, o firmamento, o tombadilho, as velas!

A lua, brilhará, que me viu nas jangadas
Versos de amor cantando à sombra das latadas,
Mas, nunca hão de voltar as doidas alegrias
Que me faziam crer nas noites luzidias
Do futuro risonho! Oh! a viração do oceano
Toda vez que enfunar do meu navio o pano
Terá pena de ouvir os meus longos gemidos
Porque sabe que eu fui constante em tempos idos,

Na terra onde nasci! Constrangido, exilado,
Passarei no desterro arrastando este fado,
Da saudade vertendo as gotas dolorosas,
Do desgosto tragando as ervas amargosas;
Tanto hei de padecer, horas e horas inteiras,
Na ausência da família e das tuas roseiras,
Que minha mãe plantou, nesta argila adorada,
Antes que eu visse a luz e ela fosse casada.

E se acaso voltar da noite a amargura
Não sei se te acharei dos ramos na fartura
Como te vejo agora ao luar da noite bela,
Sem teres, que ventura! uma folha amarela;
Uma roseira murcha ou morta no canteiro,
Um espinho imperfeito, uma rosa sem cheiro,
Uma haste sem flor, um galho ressequido,
Oh! roseiral viçoso! Oh! roseiral florido!

Entanto, a minha noiva, a quem viste menina,
Virá inda, ao fulgor da estrela matutina,
Banhar-te no cristal das frias orvalhadas,
Colher da tua fronde as rosas encarnadas,
Pisando a mesma terra em que os bardos carpiram
Ao saudoso chorar das violas que suspiram,
Cantando o mar sereno, o fogo das lareiras
E o verde milharal nas risonhas clareiras.

Ah! como a sorte ilude! Ah! como a sorte engana,
Quem já fui, que sou eu! Como a sorte é leviana! ...
Como a minha alegria os anos esconderam
E o meu riso tornou-se em prantos que correram
Alvos como o fulgor de uma estrela acordada
E a doce lividez d'água em sal transformada! ...

III

Adeus, meu laranjal!

Vai partir deste abrigo
Aquele que sorriu, cresceu junto contigo;

Porque diz minha mãe que eu vi o sol doirado
Num mês de agosto, quando aqui foste plantado!

Dos nossos laranjais deves ser o primeiro,
Que sintas o que eu vou sofrer no cativeiro,

Ou que finjas sentir o que já vou sentindo, –
Por Branca , que soluça, e que está nos ouvindo.

Ah! como me flagela a mágoa de deixar-te
Com saudades de mim, nesta gleba sem arte!

A BRANCA falarás dessa imensa saudade
Quando ela perguntar se eu sou da tua idade;

Se crescestes comigo e viste meus brinquedos
Nas noites de luar, tão cheias de segredos;

Se recordas ainda o tempo em que eu vivia
Ao sombrio frescor da tua ramaria,

Apanhando, a sorrir, dos teus rebentos belos,
Nas épocas de seifa, os frutos amarelos!

Cativo que já sente o fel dos amargores,
Quero a essência beber das tuas lindas flores,

A frescura sentir da tua vasta fronde
Onde a brisa murmura, onde a abelha se esconde!

Quero ainda gozar a sombra dos teus ramos
Onde soltam canções rolas e gaturamos,

E gemem, todo dia, as auras forasteiras
Porque gostam de ti, das tuas laranjeiras,

Cheias de frutos mil, de flores carregadas,
Ditoso laranjal das moças namoradas!

IV

Como no mar, na vida há prazer e saudade,
Dias cheios de calma, outros de tempestade!

.....

O coração tem sede, e como a airosa planta
Que orvalho pede ao céu e para o céu levanta
O caule, na estância azul dos dias mais formosos,
Ele, na primavera, à carne pede gozos!
E como à planta desce a chuva apetecida,
Às vezes renovando a verdura perdida,
Assim também na terra o querer de um carinho
Acorda o coração, desperta o pobrezinho,
Que de novo sentindo a seiva embalsamada
Na vida ressuscita a ilusão já passada!

Mas, a planta se farta e o coração sequioso
De amor, quer inda mais, vive sempre ansioso!

Nada tão natural, pois, quando nós amamos,
– Com poucas exceções – de amor não nos fartamos,
Que a carne quando está no ardor da juventude
É por vezes cruel, é volúvel e é rude!
Mas, sucede também neste enganoso mundo
Haver um coração na ternura profundo
Que, gostando de amar um coração somente,

Asilo vem buscar no coração da gente!
E asilo a gente dá! Depois tanto prezamos
Aquele que, em noss'alma, a sua agasalhamos,
Que não podemos mais viver dele exilado,
Como o noivo da noiva e a mãe do filho amado!

Então, como depois da estação invernosa,
Apanha o lavrador o fruto, a moça, a rosa,
Dos ditos corações, depois que a chuva desce,
Do amor, por longo tempo, é grande a loura messe
De sonhos, de ilusões. Os beijos vão caindo,
Os sonhos desabrochando, os sorrisos abrindo!
E desse casto enlevo, (Ai, suspiros perdidos!)
Os dias voam como os pombos esquecidos,
De volta da arribada, e noites vão passando,
Meses, anos sem fim; saudades vão deixando!
Palpita o peito nu, de prazer transbordado!
Exulta a alma feliz na crença do pecado!

E quando se ama assim na enganosa jornada,
Como é triste fazer-se uma viagem forçada!
A gente ver de longe, à hora da despedida,
Na mão de quem padece o lenço da partida!
Ver, quando a embarcação corre em fúria tamanha,
Longe, a pátria ficar por detrás da montanha!
Ver a noiva desfeita em prantos, coitadinha,
Por não ter perto dela o noivo que ela tinha!

V

Seja o mais leve inseto, a laje mais pesada,
Tudo se decompõe na efêmera jornada.
Não há bronze que ature os arrastos tiranos
Da cheia assoladora e indomável dos anos;
Só o espírito ascende, escapa às tempestades,
Não rola na ladeira eterna das idades.

O sol que resplandece, a estrela que cintila,
Tudo se transfigura em mentirosa argila,
Nada é perpétuo, nada, embora nos conforte
A vida a ressurgir dos escombros da morte,
Para voltar de novo aos trágicos momentos,
Ao silêncio voraz dos apodrecimentos.

Seca uma folha idosa, outra folha rebenta,
E torna, cedo ou tarde, à poeira que a sustenta.
Morre uma flor galante, outra flor engraçada
Vinga, e a ceifa devora a planta engrinaldada;
Sazona um fruto ameno, outro fruto aparece
Verde, e, se o poupa o campônio, algum dia apodrece...

É a morte soberana, o lodo nivelando,
O tempo demolindo, e o tempo edificando.
Falemos do painel das tintas desbotadas...
Quantos vestígios mil de coisas acabadas!

Vem à luz nosso amor, traz-lhe o tempo a verdura,
De agosto a calidez, de dezembro a frescura,
Do canário amarelo o canto melodioso,
Da rosa cor de sangue o cheiro delicioso,
Do arroio cristalino as águas sussurrantes,
Da viola, que exaltava, as notas suavizantes.
Somos noivos, então, quantas tardes gozadas
Na quietude aromal das sombras derramadas
No terreiro do colmo! os seios se avizinham,
Plenos de ânsia e de febre, os lábios se acarinham,
As mãos... Foi um delírio! (ah! vida que passaste!)
Nem sei como a meus pés, torre, não desabaste!

Agora o tempo infiel, zombando dos queridos,
Do amor veemente adorna os ramos estendidos;
Mas me arrojou do ninho, e com toda impiedade,
Deu-me por leito o exílio, onde curto a saudade
Tua, excelsa visão, crença do naufragado,
Onde me desfigura e vivo impressionado
Na aurora em que dos teus meus sonhos se faziam,
Na noite em que nos meus teus olhos se ascendiam.

De que serve o mormaço, a frieza, o canto d'ave,
A roseira a exalar tanta fragrância suave
E o regato a correr, se as cordas já quebradas
Gemem sobre o montão das cinzas orvalhadas?!

Fez-me o destino assim: em tudo encontro um tédio
Pior que o enjôo do mar. Será mal sem remédio?
Choremos muito, sim, pois que os invernos pesados
Fogem sem mais unir os noivos separados,
Entornando ou partindo a taça desumana
Que o céu nos reservou.

Como a sorte é leviana!

Ontem. livre contigo; hoje, aqui forasteiro,
Pobre na terra alheia.

Ah! destino traiçoeiro,

Quando queres roubar, como sorrindo matas
De onda em onda quem vai, semelhante aos piratas.

VI

Não sabem quanto aflige a dor que me acompanha
De perto e me descora aqui, na gleba estranha,
De clima rigoroso!

E esta imensa rajada

Cedo me levará para as galés do nada,
Roubando-me aos grilhões dos braços tentadores
– Daquela que recorda e conta aos pescadores
Os sofrimentos meus, mostrando as cartas minhas
Aos que falam de mim, nas cabanas vizinhas.

Ai! Quantas vezes julgo ouvir o seu lamento
Cheio de comoções, no queixume do vento,
Desse leste que lá, nas dunas alvadias,
De janeiro a dezembro acorda as calmarias,
E cobrindo de espuma o abismo esmeraldino
Enche a vela que leva o barco a seu destino.

Relembrando a visão das noites já distantes,
Eu disse, ontem, chorando aos ventos soluçantes:
“Que seria de mim, sem guia entre os abrolhos,
Se não guardasse aqui o lume de seus olhos
E a lembrança gentil de seu beijo tranquilo,
Que do amor me promete o derradeiro asilo,
E me enche de fulgor a fronte sonhadora
Nos dias inverniais desta terra traidora!
Que seria de mim se seu colo aromado

Não fosse antigamente a rede do exilado,
Se su'alma extremosa, inclinada à piedade,
Desta não se condoesse em plena mocidade,
Na doença, por exemplo, entre as taipas do pouso
Cobrindo-me a chorar com o cabelo onduloso!"

Nessa quadra, porém, logo a dor se afastava,
Maio róseo e festivo outra vez nos voltava,
Fértil em chuvas de ouro e vales de açucena,
Alegre como um templo em noite de novena!

És a rosa que almeja, entre as urzes do cardo,
Nossa Senhora da Paz das orações do bardo.
Eu te desejo mais que o cego à luz perdida,
O arbusto à primavera, a abelha à flor nascida.

Deus queira que esta carta orvalhada e tristonha
Chegue no rancho antigo e te encontre risonha
Por gozares, talvez, dentro de tuas portas
A doce viração de um mar de rosas mortas;
Que sobre o teu casebre as inverneiras desçam,
As tardes vertam sangue, as luas resplandeçam,
E na zona salgada onde a flor se balouça
Sejam cheios de estrelas os teus sonhos de moça!

Feliz quem do Brasil, num solo verdejante,
Contempla a languidez que te alinda o semblante;
Murmura ao pé de ti, solteira haste franzina,
O padre nosso d'alva, a prece vespertina;
Respira, entregue ao sono, o delicado cheiro
Que sai do teu cabelo e aroma o travesseiro;
Alenta-te na dor, tua sombra rasteja,
– Concha a que o mar procura e que a praia deseja.

VII

No Amazonas cheguei.

BRANCA, tenho sofrido
Tanto, que, de sofrer, estou desiludido
De tudo!

Já me falta, à dor deste abandono,
Depois que o sol se deita, o sossego do sono...
E não tive, querida, inda quem me dissesse:
“Tranquiliza-te”, e a mão piedosa me estendesse!

Quem nunca se sentiu do lar expatriado
Não sabe quanto amarga o pão do desterrado,
Nem pode imaginar quanto aflige a fadiga
Que a lágrima nos traz, longe da terra amiga.

Depois que te deixei, neste clima tão rudo.
Ando sempre abatido e alheado de tudo!

Se acaso, às vezes, durmo, acordo em desalinho;
Meu sono é leve assim como o do passarinho,
Por teu respeito, oh! flor!

E quando a lua estranha
Da choça em que me abrigo o teto humilde banha,
Choro, que ela me lembra as noites diamantinas
Que sorrindo gozei na terra das salinas.

“Pobre de quem se foi na doce primavera
“Da vida! (Ouvi dizer) Triste de quem perdera
“A crença no Senhor!” Mais infeliz na vida
É aquele que deixa a pátria estremecida
À força, ou quem se vai da noiva que o adora,
Da mãe que o idolatra e da mana que chora,
Sem poder conduzir, aos ventos procelosos,
Um coração sequer dos que ficam chorosos.

Tu, Branca, és mais ditosa! Embora amargurada,
Vives onde nasceu a loira madrugada
Da paixão que bendigo, onde rosas floriram...
Vives junto do mar, das ondas que assistiram
Às nossas ilusões quando nos namoramos!...
E à hora em que te escrevo, abrigada nos ramos
Do antigo laranjal, mordes risonha e pura
Algum bago feliz de laranja madura.

Venturosa, porém, é esta doce missiva
Que o seio encontrará da flor que me cativa.
Sei que Branca há de lê-la em lágrimas banhada
E beijá-la dizendo : “És relíquia sagrada,
“Como a do santo lenho!”

Ah! quem dera que eu fosse,
Missiva, em teu lugar! Que asilo calmo e doce
Terás no colo dela e que noites ditosas
Levarás, carta minha, entre as dobras cheirosas
Do seu lenço de renda, ou sentindo a quentura
Da sua carne branca! Ah! suprema ventura!...

Quanto a mim, sem remédio, agora desolado,
Demoro aqui, dos meus e da pátria exilado,
Sem saber se verei os morros solitários
Das praias, os sertões formosos e lendários.
Fico para sofrer. Os meus irmãos do norte
Aqui ficam também, prisioneiros da morte,
E quando a alma se for, aqui nesse abandono
Quem por nós rezará no derradeiro sono?

VIII

BRANCA, padeço muito.

O meu constrangimento
Não sossega na dor do grande isolamento
Deste agasalho incerto.

Eu tenho a cada instante
Relâmpagos cruéis no inverno do semblante.

Gozo: vinho ilusório, agradável mentira...

O exílio me criou estas cordas da lira.
A poesia nasceu na alma do atribulado
Mais triste que a nudez de um deserto esbraseado,
E que o rude tufão na esmeralda traiçoeira
Agitando a rugir as águas da cachoeira.

Sofro menos se canto.

E versos do alaúde
Mais doridos que Jó, nas ruínas da saúde,
Os primeiros da seara ingrata, hoje te envio;
São teus; guarda-os no seio, ardente como o estio
E puro como o mel selvagem das colmeias.
Quando a tarde arquejar, refrescando as areias,
Manchando o anil do céu de nódoas purpurinas,
E a noite acarinhar as verdes casuarinas,
Os meus versos relê, brancos como uma ermida,

Cheios de ti somente, isto é, de minha vida.
Leva-os à minha mãe, porém, quando o fizeres,
Transforma-te; converte as mágoas em prazeres.
Minha mãe, roxa dália ela que me lamenta,
Porque desta palhoça a dor não se afugenta,
Ouvindo ler da “Viola” os versos gemedores,
Torrentes verterá, jordões alagadores,
Cuidando no penoso estado de seu filho
Longe de seu país, faminto, maltrapilho...
E para não descobrir sombras crepusculares
No lindo rosto teu, precisa não chorares,
Que eu duvido, porque mal outrora se anuviava
A sua alma, na tua o pranto trovejava.

Aqui ninguém me atende.

E, desapercibido,
Debalde estendo a mão, de gemido em gemido,
Há dois anos, cumprindo o misterioso fadário
Aprendi a compor da saudade o breviário;
E se pelo rigor dos meus doridos cantos
Rolarem sobre a terra oceanos de prantos
Dos olhos da mulher viúva que me abençoa,
E dos teus, por piedade, ó BRANCA! me perdoa.
Será a última vez que trovas alucinadas
Minhas, te falarão das messes derrubadas
E dos tranSES fatais, que nos vão consumindo,
N’alma de todos nós estas chagas abrindo.

VIOLA

I

*Viola das cordas de prata,
Feita de pinho maneiro,
Que suspiras por alguém
Nas taipas do cativo,
Sinto o que sentes também,
Viola das cordas de prata.*

II

*Ai que saudade aflitiva
Da sua boca bonita.
Do seu corpete bordado,
Do seu vestido de chita,
Do seu lencinho arrendado,
Ai que saudade aflitiva!*

III

*Foram momentos felizes
Quando BRANCA te escutava
Se eu dizia alguma trova!
Nesse tempo ela dançava,
E tu, viola, eras nova...
– Foram momentos felizes.*

IV

*Na alvura do seio dela
Dez meses estremeceste,
Quantos murmuúrios ouviste,
Quantos arrochos tiveste,
Quanto perfume sentiste
Na alvura do seio dela.*

V

*Quem te conhece de longe,
De uma terra arborizada
Do norte do meu país,
Carpe ao ver-te desterrada.
Cheia de pó, sem verniz,
Quem te conhece de longe.*

VI

*No colo da tua dona,
À luz do seu lindo rosto,
Viveste sempre afinada,
Nunca te vi com desgosto
Por corda alguma quebrada,
No colo de tua dona.*

VII

*Viola de trenos magoados,
Das caravelas douradas,
Geme saudades dos lares
Pelas venturas passadas,
Geme até te arrebentares,
Viola de trenos magoados.*

VIII

*Inda me lembro da tarde
Que te levei à função,
E o mimo que me escolheu
Botou-te em cima da mão,
Mais de dez beijos te deu...
– Inda me lembro da tarde.*

IX

*Se tu não fosses de pinho
Esse ciúme me abrasaria,
Quando BRANCA te beijava
Quando ao peito te cingia!...
Eras morta ou morto eu estava,
Se tu não fosses de pinho!*

IX

Jamais te olvidarei, róseo fruto ilibado,
Alva estrela polar do céu do meu passado,

Porque vinhas de azul, de esmeralda ou de neve,
O meu leito embalar, sobre a grama, de leve,

Muitas vezes cantando uma canção guerreira,
Sacudindo jasmims, flores de laranjeira.

Neste imenso degredo onde a sorte maldigo,
Vives nos sonhos meus, saudade que bendigo,

Alma que me choraste às frescas ventanias
Quando do lar saí, deixando fantasias,

Ardendo no calor do fogo do teu seio,
Levando o coração de dissabores cheio.

Quando orares por mim, entre as taipas idosas,
Roga a Deus que nos dê vida farta de rosas,

Que desçam sobre nós a luz das alvoradas
E o bendito esplendor das noites desmaiadas

Numa terra gentil, de outonos e invernias,
Cheias de sumo e flor, de ninhos e harmonias,

Onde a lua nos deite, onde o sol nos levante
Sem queixume na boca e nuvens no semblante.

Não te esqueças, querida, atende os meus pesares,
Sê meu anjo da guarda, ó flor, quando rezares.

Tu que és forte na fé, que vais, se rompe a aurora,
De pétala cobrir os pés de Nossa Senhora,

Beijando o seu altar, carne que tanto almejo,
Reza que eu rezarei na bruma em que me vejo,

Pedindo sempre a Deus que te mande o conforto
Que alentou a Jesus nas oliveiras do Horto.

Ai que horas de aflição eu passo às ventanias,
Maldizendo o rigor das minhas nostalgias,

Lembrando, a cada instante, o teu rosto adorado,
O saudoso perfil do Cristo ensanguentado,

Que contigo ficou, quando, neste abandono,
Entram com o vento brando as cantigas do sono.

Lá da beira do mar, se um dia me escreveres,
BRANCA, se por ventura esta missiva leres,

Dize-me se o rosál, que essa trança enfeitava,
Nos domingos de abril, cheira como cheirava;

Se o nosso laranjal tem as mesmas frescuras
Do mês em que o deixei sem laranjas maduras.

Quero saber também, já que o mesquinho fado
Faz que eu viva a sofrer de todos separado,

Se tens, ao brilho da alva, a luz maravilhosa
Do olhar da minha mãe que deve estar chorosa;

Se aos terços foste, enfim, pela quadra das flores,
Na capela aromal do Bom Jesus das Dores.

Chega um dia, outro vai, nestas paredes nuas
Não sei de amigos meus nem de lembranças tuas.

Já que não podes vir ao clima que me mata,
Abranda por escrito a dor que me maltrata,

Aqui onde a floresta é um pátio funerário
E a tarde que declina, igual à do Calvário.

X

BRANCA, meu santo amor, quando parti saudoso,
Dos turvos olhos meus o inverno caudaloso

Desceu de forma tal que a loura madrugada
Encontrou-me a tremer de frio na amurada

Do veleiro batel que a espuma retalhava,
Enquanto, ao vento fresco, a maruja cantava

Nas tábuas do convés que o relento orvalhara
E das brasas do sol meu pranto refrescara.

Triste e mudo passei durante toda a viagem,
Exposto às virações, pensando em tua imagem.

Grande foi o meu sofrer. – O trigo marujava
Na boca sanguinosa, o líquido amargava,

Tão roxo era o martírio.

Ah! Como é triste o mar
Para quem deixa longe uma noiva a chorar,

Para quem deixa mãe viúva, desconsolada,
Na porta da choupana em lágrimas banhada,

Para quem deixa irmãs, sucumbindo aos pesares,
E parte constrangido em busca de outros lares,

Como um dia parti, da refrega aos gemidos,
Bendito fogo-fátuo azul dos tempos idos! ...

Tu soffres, bem o sei; porém, nunca embarcaste,
Nunca, ás brizas de além, por teu noivo choraste.

Nem sabes o que é ver em noites de procelas,
Quando o negrume esconde a prata das estrelas,

A esmeralda jogando os navios franzinos,
Desfeito o vendaval, batendo nos latinos.

Nas enxárcias gemendo, e os bravos marinheiros
O velame ferrando à fúria dos pampeiros,

– Uns, a noiva carpindo; outros, lembrando a terra
Onde deixaram a mãe na planície da serra.

E quando, linda flor, serena a tempestade,
E surge no horizonte a ardente claridade,

Como aflinge, ao voltar de um dia bonançoso,
O destroço que deixa o temporal furioso:

– O lenho sem governo, um mastaréu quebrado,
O pano quase roto, um mastro arrebetado,

E sobre o tombadilho, onde as vagas rolaram,
A maruja cosendo as velas que ficaram,

Os cabos ajuntando, e triste qual um monge,
O coração dizendo : “Ah, terra que estais longe,

“Terra em que me caiu a lágrima primeira,
“Terra em que me brotou a ilusão derradeira”.

Querida, isso é que é dor. E a cena que descrevo
Três vezes contemplei, meu suspirado enlevo.

Vi o mar sacudir sem piedade o navio,
Gelado o céu descer como um pálido sombrio

Sobre o negro baixel; e, quantas vezes, quantas,
De mãos postas chorei, lembrando as coisas santas

Do lar de minha mãe, tanto receio eu tinha
De deixar para sempre a tua alma sozinha,

De não desembarcar, meu doloroso engano,
Para chorar por ti nos sem-fins do oceano,

Para viver sem ti, longe da imensidade,
Onde rezas contrita a oração da trindade.

* * *

Entre ruínas te escrevo: e a tarde pesarosa
Em sangue se desfaz... morre tuberculosa;

Então vem-me à lembrança aquela tarde estiva
Em que est'alma ficou da tu'alma cativa,

Quando a terra se abria em dalias encarnadas
E o mar da cor do anil embalava as jangadas.

O mel da tua boca alegre andava esparso...
Não brilhavam no azul as estrelas de março,

Abril tinha levado, há muito, as andorinhas,
Maio o cheiro campestre e as sacras ladainhas,

Nem reluzia mais sobre as dunas amigas
A luz que amareleja a palha das espigas.

Amamos-nos em julho. Eu sei que te recordas,
O nosso amor floriu do Potengi nas bordas.

Rezava a cristandade as Matinas sagradas,
Vinham da pescaria os botes e as jangadas,

Rolava o mar na praia, espalhando os cascalhos,
Ao rijo vento sul, que enxugava os tresmalhos,

E a sombra vespéral, que desabava em jorros,
Enodoava a toalha alvadia dos morros.

Depois chegava a noite...

E quando o luar surgia,
Tornando a noite branca imensamente fria,

Falavas : “Como a flor da várzea estou gelada,
“Chega-te ao peito meu, dá-me a fronte abrasada.

“O teu calor me aqueça”.

E a lua esplendorosa
De um fluido claro enchia a terra silenciosa,

E quanto mais gelava a natureza exangue
Mais crescia o pavor da solidão do mangue.

Tudo ao nada desceu com o tempo naufragado,
Menos a noiva ausente e o noivo expatriado.

Que é feito do prazer das eras que tombaram
Com o sabor virginal dos beijos que estalaram?

Onde, meu doce encanto, as horas de vigília
Que passamos de festa ao lado da família?

Que anos faz⁶ que tu te feres sobre escolhos,
Porque inda não cessou o inverno de teus olhos?

Minha mãe, santo Deus, desde que vivo ausente,
Nunca mais se alegrou, chora constantemente.

Houve quem me dissesse, há três dias passados,
Que os seus vestidos são da cor dos céus molhados;

Que pouco se alimenta e se alguma vez decanta
O hino é um estertor que lhe sai da garganta,

⁶ Que anos fazem.

Eu... basta que te diga: um lindo passarinho
Que leve abrigo fez no arvoredado vizinho,

Dele já se esqueceu, talvez porque eu dizia:
“Canta”, e de ouvi-lo sempre eu não me aborrecia;

“Canta, que o teu trinar, cheio de mil doçuras,
“Abranda mais o fel das minhas amarguras”.

Má sorte a que me coube; andar triste, exultante
Do berço que te acolhe e fica tão distante;

Saber que a noiva carpe em fundo desvario,
Que o pranto das irmãs desliza como um rio,

Que a velha sofre muito a tiritar na bruma,
E não poder levar um consolo a cada uma,

No solo do país ter humilde morada
E viver longe dela em guarida emprestada,

Mendigo até da roupa, entre tanta vileza,
Não há tortura igual e nem maior pobreza.

XI

Que vida atormentada
Eu passo, minha flor,
Do quente resplendor
À noite amargurada.

Meu peito está fingindo
Um sol que vai morrendo;
As urzes vão nascendo,
As flores vão caindo!

Depois que a chuva acalma,
O estio o céu revive,
Mas eu não sei se tive
Estio na minh'alma!

Hoje, quando o arrebol
O céu purpurejava
E a tarde naufragava
Ao lento pôr-do-sol,
Eu me lembrei de ti,
Daquela noite quando
A lua vinha a treva iluminando,
E te ofertei uns versos que escrevi.

Lembras-te? ao pé de mim
Tua mãe com brandura me fitava,
E ao som da viola amena que vibrava
Eu te falei assim:

Hei de morrer cantando
Numa noite de lua,
Quando o corpo dormir, e, pela rua,
Terno, o violão passar bandolinando;
Porque é doce morrer
Depois que a noite orvalha as solidões
E a lua embaça o brilho dos lampeões,
Logo ao escurecer,
Quando nos campos aromatizados
Durante as horas meigas, escondidos,
Debaixo dos coqueiros re floridos,
Colhem beijos a sós os namorados.

Hei de morrer cantando
Num Domingo formoso
Quando alveja no espaço o luar saudoso,
O fulgor das estrelas empanando...
Gosto de ti, gosto da serenata,
Do plangente violão ao luar, gemendo,
E da neve que deita o céu, tremendo,
No regaço da noite cor de prata,
De frescuras de arminho,
Quando a viola que vibra, que estremece,
Tem tanta melodia que parece
Cantar no seio dela um passarinho.

Hei de morrer cantando
Numa noite, sem nuvens desoladas,
Para alegrar as moças acordadas...
A saudade nos velhos despertando.
Dá-me vigor ao músculo
O vinho claro e bom do luar dolente,
Depois que a noite vai colher no poente

As rosas purpurinas do crepúsculo;
E sempre me reanime e me conforte
A lua plena, a lua marmoreada,
Portadora da túnica doirada
Das roseiras balsâmicas do norte!...

Se esta é a minha sina,
Neste triste planeta,
Hei de morrer por tua trança preta,
Cantando à luz da noite cristalina!
E qual um pintassilgo enamorado
Que morre de cantar,
Na fronde do arvoredado desfolhado
Que a Natureza avara lhe quis dar,
Ao doce eflúvio brando
Da noite ao desmaiar
Num sorriso divino,
Por ti, lírio franzino,
Hei de morrer cantando.

XII

Não maldigas o mar, esse abismo profundo
Que vive, como nós, a sofrer sobre o mundo.

Tem piedade do mar ferido pelas velas,
Carregando no dorso homens e caravelas!
Ele também tem fome e é por isso que o mar
Leva a quilha ao parcel para nos devorar,
Sinta embora, não raro, o coração comovido,
Cheio da dor atroz do navio perdido;
Ele também tem sede e é por isso que o mar
Separou-me de ti, ele te faz chorar
Para poder beber a lágrima, escaldante,
A gota de cristal que cai do teu semblante;
Ele também deseja e é por isso que o mar
Chora menos na noite em que branqueia o luar,
Pois a lua acalenta as vagas alterosas
Que ondulam os lençóis das praias arenosas.
Não maldigas o mar, pobre monstro esverdeado,
Que vive a contemplar o deserto estrelado,
Sem ter um coração que junto ao seu palpíte
Tão grande como o dele, um monstro que se agite
No momento em que o céu, lá muito ao longe, dorme,
Vindo trazer-lhe a paz ao coração enorme.

Pode ser, linda flor, que um dia o sol doirado
Me conduza, sorrindo, às taipas do colmado,
Num navio feliz, sobre o qual nem negreje

O queixume invernial quando o barco veleje;
E velhinhos, nós dois, vendo o mar soluçando,
Com pena de o rever sempre triste e chorando,
Talvez lembrando então o maior dos favores,
Deçamos ao abismo azul das suas dores
E corramos depressa a sondar-lhe os segredos
Por eles perguntando à aresta dos rochedos.
Cansados de viver, nas rochas escarpadas,
Daremos a existência às ondas agitadas
Do nosso amigo, o mar, só para consolá-lo,
Livrá-lo da aflição, da cruz arrebatá-lo
Para que não soluce e possa inda encontrar
Terra para viver, noiva para casar!...

XIII

Continuo a viver da grande dor cativo,
Dias há que, no exílio, ao prazer ando esquivo,
Mais que nunca, formosa.

Aflito o dia inteiro

Como, outrora, Jesus ao peso do madeiro,
Julgo ver minha mãe, de rosto merencório,
Rezando a Deus, por mim, junto ao velho oratório;
Choro porque bem sei que essa chuva copiosa
Molha como a do céu, pela quadra invernos.

Mãe! cordeiro amigo! amor materno, afável
Amor que não esqueço, amor incomparável,
Lume que abrasa mais nas horas da incerteza,
Quando expostos à luz de estranha natureza,
Não temos quem nos diga : “Acalma filho amado,
“Enxuga no meu lenço o pranto derramado”,
Quem nos deite remédio às chagas doloridas
D’alma, ao gelo polar das lágrimas vertidas...
E julgo ouvir de noite a suave melodia
Da voz de minha mãe, nesta casa sombria!...

.....
.....

Quem dera que o passado agora revivesse!
Que o sol, da primavera extinta, aparecesse,
Para encher de alegria os dias mal vividos!
Que os lírios e os malvões, há muito resequecidos,

Tivessem cheiro ainda e o teu cabelo ornassem!
Que as murchas ilusões a alma te povoassem
E o céu que se estendia, além, sem nos tocar
Fosse um manto de anil sobre marés de luar!

* * *

Pátria! que nome santo! ama a Pátria o guerreiro
Que, no campo inimigo, entre povo estrangeiro,
Tem saudades da casa e da noiva inocente
Que, por ele, a chorar ficou saudosamente.
Ama a Pátria o marujo abatido das mágoas,
Tendo o lenho a boiar, sobre a tona das águas,
Sem descobrir o céu na sombra aterradora,
Sem na espuma avistar a tábua salvadora.
Ama a Pátria o proscrito, o mísero exilado,
O que da herdade foi banido ou degradado,
O que dela saiu das lágrimas ao banho,
Para a pena cumprir em território estranho.

Esses prezam demais a terra onde nasceram,
Onde amaram talvez, onde ilusões tiveram;
Porém, os que dos seus nunca se separaram,
BRANCA, os que, como tu, nunca experimentaram
O pão mole do pranto e de amargores cheio
Que nutre o desterrado, à luz de clima alheio,
Julgam que ser feliz é viver navegando,
Outro mar, outro céu, outro sol contemplando,
Mas eu que naveguei, que vi outros lugares,
Deus sabe como aspiro o clima de meus lares;
Que à Pátria só se dá amor sincero e ardente
Quando se está no exílio ou da família ausente.

XIV

Meu doce amor, dizes que sou feliz,
Porque vivendo assim, dos meus ausente,
Pelas cordas da viola esta alma diz
A ti tudo que quer... tudo que sente...

Fazer versos penosos como eu faço,
Transidos da aflição que me tortura,
Longe do cativo do teu braço,
Não é felicidade, é desventura.

Ser ditoso é viver constantemente
Unido à sua amiga, ao peito amante,
É ter na vida o solo florescente,
O amor tranquilo, o céu reverberante.

Eu seria feliz se me seguissem
Teus olhos, pelos anos ensombrados;
Se quando os braços meus na cruz se abrissem
Os teus fossem também crucificados;

Se tivesse uma casa pequenina,
De janelas azuis para o nascente,
Onde, eu e tu, vivêssemos, divina,
De um só desejo, apaixonadamente;

Se essa casa de ramos de palmeiras
Cheirasse a cravo, a manjerona, a rosa,
Se em torno dela as aves brasileiras
Trinos soltassem na manhã radiosa;

Se esse modesto asilo alviçareiro
Tivesse, quando a aurora vem raiando,
Jasmineiros e murtas no terreiro,
Lírios nascendo e rosas desbrochando;

Se esse rancho fúnebre guardasse
Uma imagem do Cristo ensanguentado,
Um violão de carvalho que tocasse
Nas horas em que o céu fica estrelado;

Se tivesse um canário que soltasse
Gorgeios, pelo estio abrasador,
Uma rede macia que embalasse
Teu corpo excelso junto ao meu, ó flor;

No quintal, um cativo muito belo,
Sempre verde e formoso ao sol erguido,
Brotando flores para o teu cabelo,
Guardando orvalho para o teu vestido;

Se pertinho de mim a vida inteira
Passasses, BRANCA, a est' alma submissa,
De joelhos, como ficas sexta-feira,
Durante as sacras orações da missa;

Se sempre, nesse abrigo venturoso,
Vibrasse de teus lábios rescendentes
Um beijo morno, um beijo delicioso
Para os lábios dos filhos inocentes;

Se o nosso imenso amor te encarcerasse
Nessa vivenda, em plena mocidade,
E se quando quisesses que eu ficasse
Eu também não tivesse outra vontade;

Se essa habitação, lírio sem dono,
Erguida de um planalto bem no centro,
Por noites frescas de estrelado outono,
Fosse um vale por fora, um céu por dentro;

Desfrutando uma quadra enluadora
Da minha viola harmônica e saudosa,
Eu cantaria a seiva embriagadora
Do teu corpo de sândalo e de rosa,

Mais do que já cantei, mimo querido,
Ao sol da praia, do sertão, da roça,
Quando eu vivia alegre, amortecido
Ao teu calor puríssimo de moça.

XV

Hoje, dia de Páscoa, os ramos se levantam
Cheios de frutos mil e pássaros que cantam.

Rompe agora a alvorada,
Rubra como se fosse
Tua boca encarnada,
Num beijo puro e doce
Dos teus lábios rosados.
A estrela da manhã
Brilha no céu ridente
Esplêndida e louçã,

Mandando um beijo aos lírios orvalhados...

E o céu, banhado em luz,
Como tu, meu amor,
Assemelha um diamante
Alvo como Jesus
No dia do Thabor.

O dia vem raiando,
E iluminando o mundo,
Recorda uma flor desabrochando
No silêncio profundo...
Reza no azul depois. Sensível, ora,
E essa oração sonora
Da alvorada divina
É a voz luminosa e cristalina
Da boca rosicler de uma criança.
A passarada mansa

Solta canoros trenos
Sob os raios serenos.
Tudo canta e sorri
Numa satisfação
Como se a vida só cantasse e risse
Em eterna ledice
Pela ressurreição.
E eu me lembro de ti
E pergunto ao raiar desta alvorada,
Tão formosa e sagrada,
Onde estão nossas crenças sepultadas?!..

XVI

Porque não te falei do triste gaturamo
Que eu amava, querida, assim como te amo,
Do pobre companheiro, o gentil passarinho,
Que comigo deixou o primitivo ninho?
Hoje, quando a manhã desfez a escuridão,
Sem vida ele caiu, na deserta prisão.

Depois que ele chegou, coitado! emudecera.
Recordava, quem sabe? a terra onde nascera,
Em cujo seio amigo as palmeiras verdejam;
Lembrava-se do mar em que as garças alvejam
E a espuma orla os lençóis da costa ocidental,
Quer o nordeste sopre ou refresque o terral.

Quando, acaso, soltava um canto na gaiola,
Gemia como a voz sentimental da viola!
Que dores não sentia! As grandes mágoas suas
Eram desgostos, BRANCA, eram saudades tuas,
Talvez! E enquanto eu via as dores da avezinha
Que tristezas, meu bem, que penas eu não tinha!

Eu que já vivo triste e de olhos marejados
Como os de tua mãe, no dia de finados,
Quase morro também pel'asa que a vergasta
Da sorte devastou, nesta terra madrasta,
Mas que ainda tem, querida, a frescura de um goivo!
Mas que ainda tem, divina, o pranto do teu noivo!

Inda ontem lamentei, à luz do plenilúnio,
O companheiro bom de exílio, de infortúnio,
O almo guriatã que, em lágrimas, me deste,
Quando a pátria deixei, quando o salso nordeste,
Ao doce luar do céu — que tanta vida encerra,
Arejando os vergéis, embalsamava a terra.

Antes que chores, eu chorei bastante; intenso
Vi o pranto ensopar os fios do meu lenço...
Seu fúnebre lençol...

Muito pior seria,
Se fosse eu que dormisse à paz da lousa fria,
Se em vez do gaturamo, a morte me levasse,
A terra me cobrisse e BRANCA me chorasse!

Não te aflijas, portanto, ó inocente malva!
Depois da noite volta a branca estrela d'alva!
Já nos tarda o calor dos dias bonançosos!
Que importa do presente os nimbos invernosos?
Florida primavera ainda gozaremos,
Em troca da estação chuvosa que hoje temos,

Quando à beira do mar, nos morros alvadios,
Fitarmos, como outrora, as velas dos navios,
Agitadas da brisa, as palmas dos coqueiros,
As jangadas trazendo os rudes jangadeiros,
As nuvens estendendo as franjas purpuradas
E as conchas enfeitando as areias salgadas!

XVII

No retiro em que vivo, uma viola afinada
Geme, com a noite azul, serena, estrelejada.

O boêmio que a tange é filho dessas plagas
Onde o vento não leva o murmúrio das vagas,
Onde os poentes são vermelhos, tormentosos,
E o sol de fogo escalda os campos argilosos
E a carnaubeira imita, à ardente claridade,
O símbolo da esperança e da tenacidade.

Esse moço tem mãe bondosa que o adora,
Irmãos que o prezam muito e noiva que longe chora;
Entretanto, ele diz que de há muito ausentou-se
Toda a recordação que da família trouxe!
Que não se lembra mais do torrão sertanejo!
Se gelo ou fogo teve o derradeiro beijo,
E se foi duradouro o pranto que correra
E da casa materna o barro umedecera!

Não sei como se esquece a bendita fragrância
Da terra onde se nasce! Adoro o pó da infância,
A choupana singela onde te amei tantos meses
De sol, sem conhecer do destino os reveses!
Amo a pátria e por isso ao lar do nascimento
Não sei como se vota eterno esquecimento!
Como não se responde as missivas dolentes,
Que notícias nos dão dos longínquos parentes!...

A vida é sempre assim: Uns cantam, são cantares⁷
De quem não tem no peito a seta dos pesares,
De quem vivendo ausente, embora, não se importa
Que a esperança de alguém desfolhe e fique morta;
Que a mãe sofra chorosa e que a mana padeça;
Que a noiva se lastime e que à mingua faleça
Um dos amigos seus, como tem sucedido...

Outros choram, enfim: o queixume dorido
De quem pensa na terra amiga que ficara,
Na mãe que muito o quer, na mana que o chorara,
Na noiva que o carpira, à luz da aurora, quando
A tudo disse adeus, e o batel, velejando,
Levava-o no seu bojo!

Ah! que amargos momentos
Os que sofre o proscrito, aos gemidos dos ventos!

Dores são as que sinto, aqui, sem ter quem diga:
“Asila-te em minha alma e desta boca amiga
“Bebe o vinho aromal que dá consolação!
“Deita-te em meu regaço! Eis o meu coração
“Aberto, ocupa-o todo! É meu gosto viveres
“Nele, pássaro errante! Aceita se quiseres
“O meu convite! Vem ! Quero enxugar-te o pranto,
“Alma cheia de sombra, alma que choras tanto!”

⁷ Uns cantam, são cantares.

XVIII

Quanto mais longe mais se almeja e mais se estima
O pó da terra amiga, o doce e ameno clima
Que nos viu nascer⁸, que de luz nos banhou
Quando da nossa vida a flor desabrochou!

Aqui, no exílio, eu choro a falta dessa brisa
Que sopra ao nado sol, que nas águas desliza
Da terra em que nasci! No exílio é que avalio
Como é brando o langor dessas noites de estilo
Do lindo céu natal! Como é grata a frescura
Que das ramagens cai, nas horas de quentura!
Como é doce o rojão das violas nas aldeias!
A lua alva de abril refrescando as areias
A rede de algodão que, quando o sol abrasa,
A gente arma, entre os seus, no telheiro da casa!

Que suavidade têm os queridos serões
Que a gente, às vezes, faz, depois das refeições,
Na sala de jantar, ali, junto da mesa,
Ao calor ideal da lamparina acesa!
– Os velhos, recordando os sonhos que tiveram,
Os gozos do passado, as crenças que morreram;
Os moços emplumando ilusões multicores,
Fazendo a narração dos últimos amores;
Enquanto do casal, repleto de esperanças,
Alguém canta, embalando o leito das crianças!

⁸ Que nos viu ao nascer, que de luz nos banhou.

Quem me dera embarcar agora nas canoas,
De braço andar contigo, à beira das lagoas,
Como era de costume ao despertar do dia,
Ao declinar da tarde... ao céu d'Ave Maria!

Ah! Que saudades tenho, aqui neste retiro,
Da noiva pela qual há três anos suspiro!
Da sombra que derrama a selvagem verdura
Em que canta a araponga e o pau d'arco murmura!
Das louras aldeciãs que, nos campos enxutos,
Fazem, louvando a Deus, a vindima dos frutos!
Desse cheiro que sai da terra brasileira,
Quando o pranto do céu torna fresca a poeira,
Quando, afinal, começa a derruba das parras
E desperta na aroeira o zumbir das cigarras!

Ah! quem me dera ver, saudade que me perdes,
– Leve – o bando gazil dos perequitos verdes!
E voltarem ao calor das tardes estivais
Da plaga sertaneja, as asas dos pombais!
Ver, depois desta angústia, as patrícias amadas
Cantarem no telheiro essas tristes toadas!
Depois desta aflição que o prazer me desterra,
A lua a fronte erguer lá por detrás da serra,
E a tua alma exultar, cheia de crença e fé,
Tão pura como a flor cheirosa do café!

XIX

Recebi tua carta, ontem, quando, ao sol-posto,
A tristeza aumentava as nuvens do meu rosto.
E a lua, desmaiando em cima das colinas,
Fazia recordar a alvura das salinas!

Ao ler tua missiva, ó lírio da orfandade,
– Mensageira da vida e da tranquillidade,
Nem sabes como est' alma ardeu do amor a chama⁹,
Por ter sabido, ó flor! notícias do que ela ama!
– Do roseiral frondoso onde essas mãos cheirosas
Colheram, na estação das flores, muitas rosas!
Assim como também do laranjal querido
Mais velho, a florescer agora, e mais crescido!

Por saber que apesar de tantos desenganos,
Como dizes, tu foste aos terços marianos!
E tens do meigo olhar de minha mãe lacrimosa
A benfazeja unção misericordiosa!
E quando a noite vem, de trevas ou clarões,
Rogas a Deus por mim nas tuas orações!
E, desde que embarquei, tua fronte adorada
Não deixou de viver sobre o peito inclinada!

Ah! como te agradeço, espírito puríssimo,
O ramo de oliveira, o bálsamo santíssimo,
O alvo lenço com que, na tormentosa estrada,

⁹ ... do amor na chama.

O gelo me varreste à frente perturbada,
O vinho que me deste, excelsa criatura,
Na jornada cruel da rua da amargura!

Recebi tua carta alva, linda, aromada,
Como um beijo de maio aberto à madrugada,
Como aquele jasmim que me deste a chorar
Quando eu te disse adeus e a vela fez-se ao mar!

E guardei-a, meu anjo, e que cuidados tenho!
Como quem guarda um santo, um pedaço do Lenho!
Mas, antes de fazê-lo, ó saudade formosa,
Quantas vezes reli tua carta chorosa!
Quantas vezes beijei o papel sacrossanto,
Portador de teu nome imaculado e santo!

A fim de que ela sempre esteja perfumosa,
Essências derramei de alfazema e de rosa
Dentro do cofre azul como o sol dessa zona,
Martírios desfolhei, ramos de manjerona!
Avalia que dela estou tão saturado
Que, toda noite, passo a falar-lhe acordado!

Deus te mande, querida, auroras luminosas,
Primaveras em flor, virações bonançosas,
Dias plenos de sol, luas cheias de arminho,
E do melhor cajueiro os vapores do vinho!
Ele te recompense a esmola inesperada
Que a sede mitigou desta alma já cansada!
Ele te favoreça e te isente do mal
Das arvores daí, sob a copa aromal!...

XX

Inda me lembro quando, à luz do céu amado,
Um beijo tu me deste!

– O canteiro enflorado

Era todo perfume, embalsamando os ares!
Tudo era vida e amor nas plagas estelares!
O mundo um paraíso! O vento murmurando
Passava no canteiro as flores desfolhando
No tapete da relva, e as lindas raparigas
Cantavam, da latada à sombra, essas cantigas
Que despertam saudade! Os pobres camponeses
Bailavam com prazer, cantarolando às vezes,
Agradecendo a Deus os chuveiros pesados
Que fizeram brotar dos leirões dos roçados
A colheita fecunda!

– Era o mês dos louvores

Ao menino Jesus, querido dos pastores!
O mês tradicional das festas das palhinhas!
A harmonia lendária e suave das lapinhas
Ouvia-se de longe!

Ah! Que noite festiva!

– Teu cabelo cheirava a lírio e a sensitiva!
Teu semblante era alegre, ó sonho virginal!
Como um raio de sol dos dias de Natal!

Apertando, a sorrir, tuas mãos setinosas,
Eu te falava assim: “Como cheiram as rosas!
– Hoje, amanhã, depois rosas murchas serão,
Que essa flor representa as sombras da ilusão!

“No dezembro vindouro, (e as tuas mãos gelaram!)
“Muitos dos corações que estas noites amaram,
“Se existires, vê-los-ás na cova abandonada,
“Tendo, apenas, por marco uma cruz mutilada;
“A luz da lua cheia e o fogo-fátuo errante!

“Quem sabe, meu amor, se estaremos unidos!
“Se veremos, querida, os jardins refloweridos!
“Se tu me beijarás, se as mãos te apertarei,
“Como agora, ao calor do teu seio!”

–“Não sei!”

– Disseste comovida! E os teus olhos gelados
Gotejaram, fitando os meus quase orvalhados!
E enquanto a viração soprava as ramarias
Eu bebia teu pranto e o meu pranto bebias!

Nenhum de nós morreu, mas, meu lírio inocente,
Quanto nos tem custado esta vida aparente!
Quanto tenho sofrido e quanto tens chorado,
Porque dezembro volta e não volta o passado!

XXI

Os dias do desterro, as noites do presídio
Levam, minha querida, a gente ao suicídio!

Não há vida tão má! Não podes calcular
O que sofro, divina, aqui neste lugar!

No exílio o pão amarga, a água que nos trazem
Não se pode beber, as lágrimas nos fazem
Perder a calma toda, os dias custam tanto
Que a vida causa tédio!

Eu, que sei teu quebranto
Sofro resignado o martírio amargoso,
Até que Deus nos mande o dia venturoso
Da minha liberdade! Até que eu possa, ó bela,
À argila regressar, que vivo longe dela;
E lá, na mesma sombra, onde as gotas caíam
Dos teus olhos azuis, quando as velas partiram,
Infladas no batel, contar-te alguma lenda,
Bem perto da almofada em que fizeres renda,
Arrancar-te do peito os espinhos tamanhos,
Dizer-te o que sofri no meio dos estranhos!

Não há quem te console; entanto, minha flor,
Maior é meu penar, mais funda a minha dor!

“Se de ti tenho pena!...” Oh! quanta ingenuidade!
Fica sabendo, pois: tenho pena e saudade!
Tenho pena de ti que te deixei solteira,
Lacrimosa por mim, da porta na lareira!
De ti que quando nasce a branca lua nova
Da formosa estação que a verdura renova,
Mais que nunca a bondade ingênua se entristece;
Porque tudo é verdor, porém não reverdece
O amor que nos nasceu! De ti que, por janeiro,
Quando o nordeste cai, levando do cajueiro,
Escasso de perfume, as últimas castanhas,
Minha mãe se condói do pranto em que te banhas,
Toda em prantos também, pois, se a chuva é pesada
Nos teus olhos, nos dela a noite é carregada!

De ti que, pelo céu, quando a lua desmaia,
Dessa quadra, andas triste e chorosa na praia,
Como que procurando as velas que se alaram,
Que se foram comigo e nunca mais voltaram,
Meu lindo sonho azul! De ti a quem procuro
Na grande solidão deste cárcere escuro,
E se um pássaro vôa, as asas estendendo,
Para o rumo da terra ondes vives sofrendo,
Solução por não ter asas para voar,
Como o pássaro errante, às plagas de teu lar!

Não descreias de mim, querida, não descreias,
Assim como acredito, ó flor, que me pranteias!

Que de mim tens saudades e por mim te angustias
Tanto, que os olhos teus choram todos os dias!
Que tens pena de mim e por mim te flagelas
Tanto, que desse olhar sumiram-se as estrelas!...

XXII

Inda que eu te escrevesse uma carta por dia,
Tudo quanto padeço, ai! não te contaria!
Este clima é tão mau que, em dias de janeiro,
Nem sombras há no céu, nem flores no canteiro,
Como agora, que a lua estranha aparecera
– Portadora da luz clara da primavera!

Eu que, na minha terra, estava acostumado
A ver, na quadra atual, o campo matizado,
Os pássaros cantando o aroma dos balseiros,
Dos vales, dos jardins, dos verdes paus-d'arqueiros,
Ora, avalia tu, com quantos dissabores
Recordo, no desterro, o clima que tem flores!

Tu que gostas de ter, carne dos meus desvelos,
Suspiros, bogaris e lírios nos cabelos,
Rosas, cravos, malvões, boninas e saudades,
Nos pés do Bom Jesus e nos da Soledade,
Quem sabe se, da pátria, ao benfazejo lume,
Tu não fazes, agora, a messe do perfume?

E se fazes, talvez, de mim não te aborreças!
Fala dest'alma triste às flores, não te esqueças!
Diz-lhes que estou longe e recebam lembranças
Minhas, que, de ser livre, acalento esperanças!

Comigo leva a cruz, Cirineu da concórdia,
Dá-me teu coração, tua misericórdia!
Inda que eu te escrevesse, a cada instante, ó flor,
Muito diria, mas tudo não, meu amor!

Quando voltam, divina, as noites tenebrosas,
Velo, exposto ao relento, as estrelas saudosas,
Até que Vênus traga o clarão das auroras,
Porque ela nasce aqui, no rumo em que tu moras!

Se acaso inda eu voltar à morada hospedeira,
– Essa dita terei ?! – Verás, BRANCA, a roseira
Murcha que, no meu peito, o fado conservara!
– Nunca esse arbusto triste uma rosa gerara!
Verás a cicatriz que os cravos bronzeados
Deixaram-me nas mãos e nos pés descarnados!

Nem sei como tu'alma imácula e sensível
Poderá resistir a essa mágoa terrível!
Tentarás dissipar as nuvens do meu tédio,
Em vão me alentarás a carpir sem remédio!
Porque o sol deste olhar acharás escondido
Nas brumas do meu rosto exangue, emagrecido!

Entanto, eu que te prezo, ó junquilha dolente,
Debalde enxugarei teu pranto claro, ardente!
Choroso ao pé de ti, nos ombros teus de bruços,
Debalde afogarei os teus nos meus soluços!
Debalde abafarei, na roupa umedecida,
A voz de minha mãe à minha voz unida!

XXIII

Anos completas hoje! E por ser este o dia
Em que nasceste, BRANCA, a minha nostalgia
Não sei como descreva, e ainda que soubesse,
Talvez que dela, agora, eu nada te dissesse,
Para que da tu'alma, aflita e pensativa,
A dor não fosse a mais, nervosa sensitiva!
Queira o céu que da vida os transe não padeças,
Que estejas consolada e de mim não te esqueças,
De mim que te lamento à luz da terra alheia,
Como quem vive exposto à sombra da cadeia!

* * *

Houve um tempo em que a vida alegre me corria,
– Aquele em que est'alma a tu'alma vivia!
É de balde lembrar a quadra amortalhada...
A primavera extinta... a colheita acabada...
Bem sei; mas, inda embalado a dourada esperança.
De ter dias de calma e noites de bonança
No lago do teu seio!

Ah, que doce existência,
Quando o sol despontar da minha independência,

Para a luz reviver dos teus olhos pequenos,
Para o riso enflorar dos teus lábios serenos!
Para fazer-te ainda um delicado afago
Que alegre do teu peito o coração pressago,

Na praia onde hoje tens recordações avaras
– Berço dos botilhões e das areias claras!
Anos completas hoje! E mais que nunca deves
Estar de inverno em casa! – Ah! que dias tão breves! –
Nunca me esquecerei, BRANCA, dos tempos idos!
Pode ser que eu deslembre os dias afligidos
Do desterro em que estou; mas esquecer os dias
Do nosso enlevo, não! As doces melodias
Antigas lembrarei, como a dorida viúva
Lembra o esposo querido, à frescura da chuva
Que lhe regela o seio e as contas do rosário
No turvo corredor do templo solitário!
Ou como a triste mãe que, os olhos recordando
Do filho que morreu, por noites negras, quando
Na amplidão não desmaia a luz das noites belas,
Olhando para o céu, vive a contar estrelas!
Inda mesmo que tu, imácula saudade,
Vivas de outra paixão, vivas de outra amizade,
Esqueças, que eu duvido, as túmidas roseiras,
A sombra amaldiçoas das verdes quixabeiras,
Maldigas do passado as noites estreladas,
As tardes de mormaço, as frescas madrugadas,
As juras que fizeste, ao vôo das andorinhas,
Com que aumentavas tanto as alegrias minhas,
Que tinham na tu'alma, outrora, entradas francas
– Filha da terra salsa e das areias brancas!

XXIV

Acabo de saber que andas tão desgostosa,
Que até de luto estás! Que vida dolorosa!
A tristeza que faz sentires tantas mágoas
Aumenta no desterro o barulho das águas
Que descem do meu rosto!

Ah! poupa-me a existência!
Por Deus, por tua mãe, BRANCA, tem paciência!

Repouso, porventura, à sombra do salgueiro,
Para andares de negro, ó santa, o dia inteiro?!
Não quero mais saber que esse luto pesado
Negreja a carne ideal do teu corpo aromado!
Se tens saudade chora, alvo pranto derrama,
Que o pranto é o pão melhor da ausência de quem ama!

Não sei, BRANCA, não sei! Quem como tu vivia
Trajando a mesma cor do manto de Maria,
Nos lindos olhos tendo o fulgor do levante,
Bogaris no corpete, auroras no semblante,
Que às vezes, eu dizia, às vezes: “Quem me dera
“Viver qual sempre vive aquela primavera!”

Tu sabes, meu amor, que por teu benefício,
Na vida sou capaz de todo sacrifício!
Pois bem, para que cesse o tédio que não tinhas,
Que eu te mande, terás poucas notícias minhas!

Dizem que o teu estado a toda alma comove!
Que vives triste, assim como o céu quando chove!
Ah! que será de mim se o luto não despires!
Ah! que será de nós se nunca mais me vires!

Acabo de saber que andas tão descontente,
Que vives nessa terra a tudo indiferente!
– Sofro mais do que tu porque estou separado
De tudo que na vida é meu sonho dourado!
Sofro, mas, entretanto, a dor que me tortura
Não me viu no presídio usando roupa escura!

Julgas que sou culpado? Achas que é por meu gosto
Que suportas, meu lírio, esse imenso desgosto?!
Ah! se estivesse em mim! Como assim quer a dita,
Submeto-me às leis desta sina maldita!
E, se me tens amor, sejam iguais os trenos
Teus, aos que est’alma solta aqui, sem mais nem menos!

E digo mais até – tanta culpa, querida,
Tenho do dissabor que te consome a vida:
“Maldito o coração que, falto de piedade,
“No teu seio plantou a árvore da saudade,
“No teu rosto nublou o sol que transluzia,
“Quebrando na tua alma a viola d’alegria!”

Não sei mais o que faça!

Ah! que dias amargos,
Cheios de cerração, cheios de ventos largos!
Não sei como te agrade, alma misteriosa,
Como te escreva ainda uma carta mimosa,
Que sem penas deixar-te, acredita, não minto,
“Desterre as que já tens, falando das que sinto!

XXV

Minha mãe escreveu, dizendo que uma doença
Má desgalha em teu peito a roseira da crença!
Que teus olhos azuis vivem tão sonolentos
Que lembram, da Matriz, a luz dos círios bentos!

Confia sempre em Deus!

– Ele que a planta cria,
Que a varre da escuridão, quando alvorece o dia;
Ele que fez o mar, o céu todo estrelado,
A terra montanhosa, o mundo ignorado;
Ele que nos sustenta, Ele que tudo sabe,
A dor exilará, que em teu peito não cabe,
A tristeza hibernal que o teu sorriso engoiva,
Consentindo que eu volte à presença da noiva,
Para que gozes tu, rosa branca pendida,
A alegria de outrora, a saúde perdida!

Não desanimes, não! Tenho uma nova a dar-te,
Querida, em meu lugar, ela vai consolar-te!

– Ontem sonhei contigo! – Estavas tão bonita
Como o doce fulgor de uma noite bendita

Da zona onde nascente! Eras noiva! sorrias,
Quando eu te comtemplava! Ah! que coisas dizias!
E o véu que te envolvia a cabeça aromada
Imitava, na alvura, a hóstia consagrada!
Alva, como o algodão que a noite umedecera,
Tinhas uma grinalda angélica de cera
Na fronte virginal; tuas mãos pequeninas
Seguravam jasmims, cravos, lírios, boninas;
Todo de rosas cheio e de laços ornado
Resguardava-te o corpo um vestido arrendado.

Da casa, no beiral, pombos lindos, bizarros,
Pousavam; muita essência e verdura nos jarros;
Móveis, convivas, tudo!...

Ah! Que felicidade
Se isso se mudasse em doce realidade!

Em sonhos tu não crês; mas, quantos sonhos, quantos
São verdadeiros como os vaticínios santos!

Ergue a fronte do peito e não te martirizes,
Que hão de passar, querida, as horas infelizes,
As dores do presente, as saudades que temos!
Quando, não sei, porém, um dia gozaremos!

O domingo há de vir, ditoso, embalsamado,
Em que me encontrarás, BRANCA, ressuscitado.
Descansado, afinal, da passada existência,
Dos tranzes que sofri nos dias desta ausência,

Nas horas do desterro!
Então de amor sequiosos,
Mais que nunca, ao clarão de sonhos luminosos,
Viveremos melhor do que quando solteiros,
Falando de ilusões durante anos inteiros,
E a vida transformando, entre canções e arpejos,
Num ramo de pau d'arco a florir os teus beijos.

XXVI

Em Dezembro, talvez, que um salso vento brando
Me leve como espero, à nossa terra, quando
Voltar do plenilúnio o brilho esplendoroso
Que aroma e frutifica o cajueiro ramoso,
A cuja sombra fresca (Ah! dias bem gozados!)
Causavam inveja aos outros namorados!

Não sei com que prazer, livre desta rajada,
A humbreira transporei da casa idolatrada!
Ao jardim voltarei das lendárias roseiras!
Ao sítio volverei das verdes cajazeiras!
Depois que receber a benção maternal,
Nessa noite que espero, há de ser de Natal!

O pranto correrá – (E impedi-lo quem há de?)
– Fértil como tem sido o pranto da saudade
Na plaga do desterro! E chorarei de joelhos,
Aquecido ao calor dos teus beijos vermelhos!
E, da longa jornada, exausto do cansaço,
O rosto deitarei na curva do teu braço!

Depois, quando acordar, debaixo da latada,
As mágoas te direi da existência passada,
Longe de tudo quanto amei junto contigo:
A praia, o rio azul, o cajueiro amigo!

Viveremos, então, se acaso eu não morrer,
Na torrente feliz do pranto que correr!
Há dois meses que embalo esperanças doiradas
De voltar, em dezembro, à terra das jangadas!

Que alegria terão meus olhos cobiçosos
De ti, sobre o colchão dos morros arenosos,
Onde, às vezes, se escuta a narração das lendas
Do velho mar saudoso, à hora das merendas!

Que vida gozarei, pelas manhãs serenas,
Quando chegar ao lar das praieiras morenas,
Contigo e minha mãe, vendo o mar que se espraia
No salgado estendal descorado da praia!
Ouvindo, como outrora, os ais enternecidos
Das tristonhas canções dos marujos perdidos!

Querida, desde já, pede ao juazeiro flores
Para o ninho enfeitar dos futuros amores!
Fala disso ao rosal de minha mãe, implora
Ao verde laranjal essas flores que outrora
Fez cair sobre nós.. .

Que o rubro sol de fogo
Desse dia não tarde... E as horas passem logo!

Felizes vamos ser! – Neste degredo, agora,
Não tarda que a alvorada apareça lá fora!
A chuva cessou mais!... Um clima menos frio!...
Vejo a noiva a sorrir!... Bendito desvario!

XXVII

Como te disse, enfim, na primeira semana,
BRANCA, estarei de volta à longínqua choupana,
À terra onde negreja a sombra dos limoeiros,
A mangabeira cresce ao sol dos tabuleiros;
E onde a rola tristonha, à luz das alvoradas,
Geme no coração das moitas orvalhadas
E, onde, ao morrer do sol a juriti saudosa
Suspira na floresta escura, rumorosa!

BRANCA, se Deus quiser, de volta sobre os mares,
Ouvirei da maruja os magoados cantares,
Salso, o vento bater nas velas alvadias,
Ao noturno piar das aves fugidias!
Sulcarei, de regresso, a esmeralda atrevida
Onde pescou, outrora, uma tribo aguerrida
E a jangada veleira, acometendo as brumas,
Rasga, ao sopro do vento, o lençol das espumas.

Voltarei pela mesma undosa e triste estrada
Que, um dia, me levou à terra amaldiçoada!
Então, revendo, ó santa, esse caminho incerto
Sem sombras, sem consolo, assim como um deserto,
Lembrarei, com certeza, a noite de janeiro
Em que te dei, na frente, o beijo derradeiro,

Em que te disse, ó BRANCA, o derradeiro adeus!
Lembrarei, para sempre, as lágrimas dos meus!
Da mãe que tanto adoro e das irmãs queridas
Que inda choram por mim sobre as ramas floridas!

Quando a tarde rolar pelos espaços nus,
Ao mundo revelando o naufrágio da luz;
Quando o dia surgir arrebicando os montes,
Varrendo a escuridão dos finos horizontes,
Nas mãos de gelo tendo o magro rosto exangue
Lembrarei, meu amor, as lágrimas de sangue
Que a bordo derramei, quando fui degredado,
– Divina evocação do meu culto sagrado!
E direi contemplando o velho mar lendário:
“Não vos maldigo mais, verde mar milenário!
“Como vos quero bem, ondas espumaradas,
“Que guardastes dest’alma as gotas derramadas!
“Deus te conduza em paz, ó lenho aventureiro,
“Que me levas do exílio ao lar hospitaleiro!
“Bendito sejas tu, salso vento erradio,
“Que enfunas, sem gemer, o pano do navio!”

XXVIII

Salve terra natal!

Meu Deus como nesta hora
A terra volverei dos bens que tive outr'ora
Sem lágrimas verter?!

Rosas que emurcheceram!
Não sei como hei de ver as rosas que morreram
E da verdura antiga as folhas que tombaram,
Quando dos lábios meus os risos se fecharam.
Parece que já sinto o aroma das roseiras
Plantadas no torrão, cheio de vinagreiras,
Onde a brisa arejando os morros solitários
Derrama exalações nos cômoros lendários,
E lava, à praia branca, a vaga espumejante
Que leva o cheiro mau das marés de vazante!
Passa janeiro a rir todo florido e ameno!
Abre a rosa a corola ao cair do sereno
E as ternas sabiás do agreste em romaria
Andam no laranjal a cantar noite e dia.
Foi numa época assim, que eu me embarquei, limpando
Os olhos num adeus. Tudo ficou chorando
As lágrimas da dor, porque triste eu deixava
A terra de meus pais e tudo que eu amava
E agora corre ainda o pranto em demasia...
Mas como é bom chorar o pranto d'alegria!...

Nunca julguei voltar à terra ambicionada...
Quem sabe se acharei a mesma passarada,
Os amigos de então, o coqueiro frondoso,

O laranjal garrido, o ribeirão choroso,
E a mulher que alegrava a minha juventude
Nos lábios tendo ainda o coral da saúde?!
Feliz de quem se vai para estranhos torrões
E quando volta encontra os mesmos corações;
Se acaso deixou mãe, acha à sombra do ninho
A ternura de outrora e o maternal carinho!
Ah! se isto suceder! Céus, dai-me essa ventura!
Se dos beijos da noiva eu sentir a quentura,
Se esta mão apertar a mão materna, e o seio
Eu tiver dos irmãos, como desejo e creio,
Nem sei como agradeça, humilhado e contrito
A ti, Senhor, o bem concedido ao proscrito!...
Vibrando novamente o saltério magoado,
Que seis anos gemeu quando estava exilado,
Alegre cantarei “venha o sol derradeiro”
Porque estou no que é meu, no lar hospitaleiro
De BRANCA, de meus pais, a terra quase ignota,
Linda praia onde alveja a asa da gaivota
E aonde ao despontar das rubras alvoradas
Branquejam, sobre a espuma, as velas das jangadas.

XXIX

Este é o rio salgado, onde as velas branquejam...
E onde do Jundiá as águas se despejam...
O mesmo rio em que na infância me banhava
Ao clarão do arrebol que às vezes me encantava.
Rijamente nadando, as espumas ligeiras
Cortava e logo após subia às ribanceiras
Ornadas do mangal...

Eis ali os vargedos,
As campinas em flor dos meus almos folguedos
Do tempo de criança. Ali por tardes quentes,
Quanto sabias peguei nos ramos florescentes
Da ingazeira remota! Ali, quantas risadas
Ouviram-me soltar, nas touceiras fechadas
Do bananal crescido!

Além, os morros calvos,
Os castelos de neve, os grandes cimos alvos!

Vejo agora este azul do céu de porcelana,
Que cobre a mágoa, a dor, da natureza humana,
Os brancos areais, dourados pelos astros,
De onde a vista alcançara os solitários mastros
De pano aberto ao vento...

E o luar cheio de enganos,
O casebre feliz dos meus primeiros anos
Ei-lo! Como faz dó! Esse ninho de amor
Estragaste-o, oh! cruel tempo destruidor!...

XXX

Gozo a terra dos meus. Oh! Que feliz conquista
Deus me botou nas mãos, cá na plaga nortista!
Tu que foste na pátria a primeira morada
Do infeliz trovador, argila arborizada,
Asila-me outra vez no teu morno regaço,
Desterra-me do peito este imenso cansaço,
Abriga-me, afinal, quer na paz, quer na guerra,
No inverno ou no verão, minha extremosa terra.

Há que anos não te vejo! Estás alviçareira
Como quando embarquei para a zona estrangeira
– Desfaz o vento forte o remanso dos lagos,
Lasca a espuma salgada o forte dos Reis Magos,
Ensombra, o mangue verde, as areias da praia
E o morro alvo parece um lençol de cambraia.

Que lindo panorama! A costa iluminada,
O coqueiral virente, a noite desnublada,
Os balseiros cheirando, as várzeas recendendo,
Alguns astros fulgindo, os vales florescendo,
A lua a desmaiar, como a neve dos pólos,
As barças no porto, as jangadas nos rolos.

És um ninho de amor. Não sei que mais desejas,
Cidade beira-mar de torres nas igrejas!
Eu me orgulho de ti, que te adornas de rosas
Terra quente do sal, de dunas alterosas.
Lírios do meu vergel, flores do bosque eterno
Cheguei, malvas do campo, ó jasmineiro terno.
Se eu achar, como espero, aquelas que me adoram,
Que por mim, sem consolo, há tanto tempo choram,
Plantas da minha herdade, arvoredos frondosos,
Sacudi muito cedo os ramos perfumosos,
Antes da luz, trinai, gaturamos ligeiros,
Bem-te-vis que viveis nas palmas dos coqueiros,
Auras frescas do mar, correi nos descampados,
Prelúdios mil soltai, pintassilgos dourados!

Vós tivestes, bem sei, saudades do peregrino,
Vós que me conheceis do tempo de menino!
Praeiras, estendei-me as lindas mãos amigas,
Repeti do outro tempo as chulas e as cantigas,
Arrulhai no terreiro, ó pombas sofredoras,
Da alma o riso enflorai, almas consoladoras!

Como é doce depois de uma ausência chorada
O coração voltar à plaga ambicionada,
A casa visitar dos entes mais queridos,
Onde o peito soltou da inocência os vagidos,
E achar, como desejo agora, os bens deixados
Embora veja em tudo os prazeres gozados!

Não há prazer maior. A casa nos parece
Uma morada real. Sucede o pranto à prece,

Vem a benção materna à sombra da choupana
A carícia da noiva, o sorriso da mana!

E o proscrito deseja outra vez embarcar
Para isso fruir toda vez que chegar...

XXXI

Chego, afinal, ao lar onde alegre cresci,
Lar que me viu nascer, onde a infância vivi;
E minha mãe banhada em lágrimas de dor
Dá-me a nova de que morrera o meu amor.

Epílogo cruel, brusca fatalidade,
BRANCA morreu de dor, de tristeza e saudade!

.....
.....

Como é triste no fim da luminosa estrada
Da vida, ou quando morre a loura madrugada
Do amor e da ilusão, sob o inverno pesado,
A gente recordar os dias do passado,
– Belos como o fulgor das cores da Aliança!
Assistir dentro d'alma a última esperança
Desfolhar sem remédio; o ataúde tristonho
Passar, do venturoso e derradeiro sonho,
Da utopia final, para não voltar mais
À vida de onde veio! – É padecer demais;
Porque a velhice imita a região polar:
Não tem dias de sol, nem noites de luar!

Como flagela tanto a lembrança dorida,
A lembrança que vem da quadra envelhecida,
Quando temos no peito a fé quase apagada,
O coração desfeito, a crença amortalhada!
Quando vivemos só de desgasto e gemido,
Lamentando na terra o fruto apodrecido
Da primavera d'alma; ou, quando, poeirenta,
Avistamos a cruz junto à lousa alvacenta
De um parente que dorme, à paz do campo santo,
De um amigo, afinal, que nos prezava tanto,
E sabermos que, breve, ali descansaremos
Das angústias cruéis, das dores que sofremos!

E quem recordações não terá do passado?
E quem já não sentiu o fogo idolatrado
Da paixão ideal quando, aos felizes dias
Da vida, o coração vive de fantasias?
Quem não gozará¹⁰ (14), ao menos uma vez,
O bálsamo da carne, em completa nudez,
Sobre um leito de neve e laços cor de rosa,
Durante a morbidez de uma noite chuvosa?

Quem pôde proibir, jamais, o coração
Dele não palpitar com sede de ilusão?

Sei que amei, que vivi, que noites estreladas
Tive, e algumas passei debaixo das latadas
E dos caramanchéis cheios de trepadeiras,
De grata exalação, como as espirradeiras,
Floridas em dezembro!

Ah! Que noites divinas!
– A casa hoje parece uma morada em ruínas!
O mundo está deserto! O campo ressequido
Do sol abrasador! Nem um ramo florido!
Nem folha verde adorna os paus que refloravam

¹⁰ Quem nunca não gozara.

Nem pena se vê mais das aves que cantavam!
Que eu ame pode ser; mas, nunca hei de olvidar
O tempo que passou, que nunca há de voltar!
A terra que pisei, bordada de matizes...
Adorada visão dos meus dias felizes!

.....
.....

Minha mãe! minha mãe! tua benção! depois,
É tempo de carpir; vamos chorar nós dois!
Estende o colo amigo ao dolorido mocho
Que a frescura bendiz do teu vestido roxo!
Assim... deixa que eu ouça o cristalino harpejo
Do louro rouxinol que estala no teu beijo!
Leva-me num abraço ao teu seio moreno
Como alguém abraçara a cruz do Nazareno!
Derrama sobre est'alma aflita, sofredora,
Do teu fecundo olhar a luz deslumbradora!

Que alívio agora sinto e que agasalho franco
Tenho, à sombra feliz do teu cabelo branco,
Sobre a carne mortal da minha juventude!
Como é doce o viver co'a tua senectude!
O sono como é brando, à noite estrelejada,
Que te envolve a cabeça em neve mergulhada!
Deus se lembre de ti, na pequenina herdade,
Longos anos te dê, ruína da mocidade!
– Tu que ainda tens no seio as doçuras amadas
Dos figos, das romãs, das uvas purpureadas,
Na carne inda aromal dos lábios enrugados
O riso de Jesus para os atribulados,
No brilhante clarão dos teus olhos precisos
O frígido luar calmo dos paraísos,
E no colo macio em que sempre me embales
O perfume de maio, a frescura dos vales!

E agora viverão meus olhos gotejando,
Sempre que eu vir, coitada! uma noiva chorando
No lar... em qualquer parte, o filho a prenda rara
Que, da vida terrena, a seiva arrebatara;
Ou de pranto orvalhando a laje mortuária
Onde descansa o irmão! Uma ave solitária
Carpindo pela serra a morte irreparável
Da asa que derribara o destino implacável;
Porém, mais chorarei, como nunca o fizera,
Toda vez que eu achar filho que mãe perdera!

Companheira fiel dos meus primeiros dias
Terra em que sepultei as minhas nostalgias,
Bendita sejas tu, que nas noites passadas,
Enxugaste de BRANCA as lágrimas choradas!
Bendita sejas tu, que em teu colo formoso,
Abrigas terra santa, o Lázaro inditoso!
Bendita sejas tu – alma que o céu me dera,
Que me embalas a rede onde o sono me espera!
Bendita sejas tu, Betânia embalsamada,
Que me dás no teu seio excelente pousada,
Onde a lembrança má de sofrer não me aterra
Mas, ó terra sagrada, alviçareira terra!

XXXII

Querido laranjal, como estás belo! Nada
Deves mais cobiçar! A fronde perfumada
Cheia de seiva como, há seis anos estava,
Quando saí da pátria e BRANCA me chorava,
Quando o negro batel, cortando as muralhosas
Vagas, deixava atrás as praias arenosas;

Sempre verde, afinal, todo cheiroso! Às vezes,
Quando chega o verão, quando voltam os meses
Claros, sei que não tens dez folhas amarelas,
Como diz minha mãe, laranjal das donzelas!
Sei mais que o céu te preza e contigo se arranja
Que não mendigas cheiro e frescura e laranja!

Feliz de quem não sente a dor que o peito rala,
Versos não faz, nem tem noiva para chorá-la,
Como tu que te encontro alegre, estrelejado,
Como tu que daqui nunca foste exilado
E causas tanta inveja aos outros laranjais
Que até duvido que tu me conheças mais!

Sim; porque é raro achar, neste caminho incerto,
Quem, do sólio real, desça ao rancho deserto
Onde, às vezes, mal treme a luz de uma candeia,
E uma fagulha atire à desventura alheia!

Porque é muito custoso achar nesta jornada,
Quem, ao que busca sombra, ofereça pousada,
Ao que vive faminto, ao que uma gota pede
Dê o pão que alimenta, a água que mata a sede.

Caridade não há; pois tenho padecido
Fome e sede, e sei como é viver mal vestido,
E passar na existência uma semana inteira
Pobre de pão na bolsa e água na cantareira!

Nem te lembras de BRANCA! E BRANCA que te amava!
BRANCA que à tua sombra amena se embalava,
E à luz clara de abril (Que funesta lembrança !)
Levava teu perfume à virgem da Bonança!
BRANCA que te adorava e os olhos lhe carpavam
Quando as aves do bosque os frutos te mordiam.
Os filhos do vizinho os ramos te quebravam!
E na seca passada as folhas te deixavam!

Isso é que é ser feliz! Viver sempre aromado,
Alvo assim como o véu macio de um noivado,
Desfrutando da pátria as frescas virações,
Sem lutar pela vida e passar privações!
Todo o dia contente, enfeitado de ninhos,
Cheio de sanhaços, cheio de verdelinhos,
Gozando tudo, enfim, que é bem que vem de cima,
Que o céu pátrio concede, amenizando o clima!

.....

Muito deveis estar alegres por viverdes
Assim como vos vejo, oh! laranjeiras verdes!

XXXIII

Ditoso roseiral de exalações cheirosas,
Como estás refochado e coberto de rosas!
Quem dera que, de volta ao lar estremecido,
Assim como te vejo, eu visse o bem perdido,
Cuja morte do peito o coração me arranca!
– Verdura que já foste os cuidados de BRANCA!
Onde andavam brilhando os seus olhos divinos!
Onde andavam bolindo os seus dedos franzinos!

Muito te devo, muito, ó roseiral copado,
Nascido onde ropousa o lírio derribado!
Muito te devo, sim; muito te quis e agora
Muito te quero mais, pois a velha que chora
Diz que só por poder, os teus ramos floriram,
Quando d’alma de BRANCA OS prazeres fugiram,
As flores de esperança, entre espinhos morreram,
E do grande desgosto os salgueiros nasceram
Quando fui para longe, e meus olhos choraram
Com saudades dos bens que na pátria ficaram,
Junto a minhas irmãs que andavam pesarosas,
Geladas como o céu das noites invernosas!

Tenho inveja de ti que te vejo aromado,
Na mesma argila amiga onde foste plantado!
Não julguei, nem julgaste (E que coincidência!)
Que, na terra hospedeira, a tua quinta essência
De BRANCA embalsamasse o seio cor de cravos,

Rosados, seus roupões e seus cabelos flavos.
E, mais tarde, antes que eu voltasse do desterro
Enfeitasse caixão azul do seu enterro!
Bendita a água feliz que, ao nascer te orvalhara,
O pó que te sustenta, a mão que te plantara
Na terra de meus pais, vegetação frondosa!
Do céu te alveje, sempre, a lua bonançosa
Que a primavera traz, roseiral frondescente
– Velho amigo dos bons, sincero confidente
Do amor que tive, outrora, à sombra da folhagem
Tua, que cheiro exala, ao murmúrio da aragem!

Fecunda plantação querida do destino,
Que me viste crescer, que me viste menino,
Que adornas a capela alva das orações
E os andores gentis das sacras procissões,
Sejas muito feliz, tu que às tuas frescuras,
Acalmaste de BRANCA as fundas amarguras,
Deixando ela colher-te as rosas encarnadas
Com que me ornara, um dia, as tristezas molhadas!
Ah! Como inda me lembro! Ah! como sei de tudo:
Lendário roseiral de rosas de veludo!
A terra vos dê seiva, oh! plantas feiticeiras!
– Plantas do meu quintal, balsâmicas roseiras!

XXXIV

A tua vez chegou, saudade que murchaste
– Alma que, de sofrer, da carne te exilaste!
Nunca mais te verei, por tarde luminosas,
Escutando o rumor das vagas alterosas,
Vendo a espuma alvejar as praias ensombradas!
Onde esbarram, da pesca, as velas das jangadas!

Teus olhos nunca mais fitarão os navios,
As choupanas da vila, os coqueiros sombrios,
Na hora em que o sol morre e as brancas lavadeiras
Trenos soltam na fronde alta das quixabeiras!
Na hora em que abre o lírio as pétalas singelas
E aparecem na Altura as primeiras estrelas.

Sejam dias de inverno ou de estio escaldante,
Haja frio de morte ou calor sufocante,
Os gelos não terás nem os grandes mormaços,
Sobre o vasto estendal bordado de sargaços.
De algas que a brisa traz dos parrachos longínquos
Os voos do bando azul dos leves maçaricos!

Nem verás, como outrora, os pobres jangadeiros
Cantarem por dezembro, à sombra dos telheiros,
O sol poente manchar de sangue os arvoredos,
Os navios sem mastro, em cima dos rochedos,
Nem ouvirás, por certo, os lamentos queixosos
Que costumam soltar os náufragos saudosos!

Perfume exalarão as roseiras que amavas
Das quais, na primavera, a fragrância guardavas!
E triste buscarei tuas mãos boliçosas
No lustroso veludo aromado, cor de rosas,
E triste verterei o pranto da piedade
Por ser viúvo o rosal da tua mocidade!

Surgirá no horizonte o brilho alviçareiro
Da quadra em que se colhe o fruto do cajueiro!
Então, por esse tempo, eu lembrarei teu nome,
Como quem lembra o pão quando padece fome,
Como quem, no deserto, ao sol que ao fogo excede,
Lembra o córrego azul que lhe matava a sede.

Ao laranjal virão muitas folhas viçosas,
Flores frescas, também, laranjas saborosas!
E eu que sonho contigo, ó perdido tesouro,
A luz recordarei do teu cabelo louro!
E os dias passarei, numa vertigem louca,
De sombra em sombra andando, atrás de tua boca!

As garças voltarão de paragens remotas,
As velas do costume e as alvas gaivotas!
E rastro encontrarei dos mesmos viajantes
Que te deixaram viva, aos ventos relutantes!
E que angústia, meu Deus! junto ao cipreste amigo,
Plantado ao pé da cruz que te ensombra o jazigo!